

A constituição de novas regiões por empresas multilocalizadas: o caso da Nestlé de Araras-SP*

Marcio Roberto Toledo **
Samira Peduti Kahil ***

Resumo

O presente artigo busca compreender como, no período técnico-científico-informacional, grandes grupos industriais, através das estratégias de multilocalização, diversificação, aquisição, propiciam a modernização dos lugares onde se instalam. Aqui analisamos como a indústria de alimentos Nestlé/Araras vem, através da expansão de novos sistemas técnicos (principalmente de informação), exercendo o controle das produções de suas matérias-primas em todo o Estado de São Paulo, modernizando os lugares de produção, levando-os a participar do movimento da globalização.

Palavras-chave: Meio técnico-científico-informacional, lugar, território, gestão empresarial.

Abstract

This article search to understand how, in the technical-scientific-informational period, large industrial groups, through the multilocation, diversification, acquisition strategies, propitiate the

* Trabalho financiado pela FAPESP e desenvolvido no Departamento de Planejamento Territorial e Geoprocessamento, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP – Rio Claro, São Paulo, Brasil.

** Mestrando da Universidade de Campinas (toledo_mr@yahoo.com.br).

*** Professora Dra. do Departamento de Planejamento Territorial e Geoprocessamento da Universidade Estadual Paulista - Rio Claro-SP (sampeduti@hotmail.com).

modernization of the places where they settle. Here we analyzed as the victuals industry Nestlé from Araras - São Paulo come, through the expansion of new technical systems (mainly information), exercising the control of the raw materials productions in whole São Paulo State, modernizing the places of production, bringing them to participate of the globalization movement.

Key words: technique-scientific-informational middle, place, territory, managerial administration.

Introdução

Para fazermos a análise geográfica do território consideramos, a partir da noção de espaço como um conjunto de sistemas de objetos e ações (SANTOS, 1996), as categorias internas e externas desse objeto de nossa ciência. Assim as empresas, as instituições, os homens, as hidrelétricas, as fábricas, são elementos internos da análise geográfica. Como elementos externos consideramos as categorias de análise ressaltadas nos estudos da ciência econômica, a divisão social do trabalho, o emprego, a reestruturação administrativa-empresarial, o movimento de dinheiro, matérias primas, produtos, etc.

Após a Segunda Guerra Mundial, as corporações empresariais passaram a ser o agente mais importante da reorganização espacial. Segundo Chesnais (1996), as atuais estratégias internacionais das empresas combinam uma série de atividades transfronteiras como: exportações de suprimentos externos, investimentos estrangeiros e alianças internacionais. As empresas que adotam essas estratégias podem tirar proveito de um alto grau de coordenação, de diversificação de operações e de sua implantação local.

Essas empresas hoje se caracterizam como multilocalizadas – aquelas que direta ou indiretamente são responsáveis pela maior parte dos empregos; são as principais implementadoras de decisões locais implícitas ou explícitas; e são, sem dúvida, os mais importantes geradoras de fluxos de bens, serviços, capital e

informações especializadas (PRED, 1979). São empresas integradas por várias unidades funcionalmente diferenciadas e espacialmente separadas.

Segundo Corrêa (1996) as corporações, com múltiplas localizações, desempenham atualmente o papel mais importante na reorganização do espaço, “atuando em amplos e diferenciados territórios por ela controlados, deste modo garantindo eficientemente a acumulação capitalista e as condições de reprodução da sua produção”.

Este artigo apresenta o estudo sobre as estratégias de multilocalização das empresas no período técnico-científico-informacional. Tomamos como exemplo a rede de empresas Nestlé, fazendo uma caracterização da sua unidade em Araras-SP com o intuito de compreendermos como a nova ordem mundial do capitalismo impõe mudanças aos sistemas produtivos, de circulação e distribuição, impondo, complementarmente, transformações nos lugares onde se instalam.

Inicialmente, abordamos o Grupo Nestlé em nível mundial, mostrando seu pioneirismo em estratégias empresarias que posteriormente viriam a se tornar comuns a todas as grandes empresas em todo o mundo, apresentando um histórico de sua evolução, desde sua fundação até os dias de hoje, contemplando as políticas mundiais que direcionaram a expansão industrial.

Em seguida, passamos a tratar da presença da empresa no Brasil, a partir da fundação da primeira unidade fabril no Brasil em 1929, em Araras-SP, passando pela implantação de novas unidades produtivas em todo o território nacional nas décadas seguintes. Observamos o fundamental papel desempenhado pelo Estado equipando o território brasileiro para a realização das modernizações exigidas para a expansão industrial.

O artigo analisa ainda o lugar da unidade produtiva mais antiga da empresa estudada, o município de Araras-SP. Através de um amplo levantamento de dados, traçamos um perfil do lugar, que, sempre se apresentou receptivo às novas estruturas trazidas pela modernidade. Através dessa apreciação fomos capazes de

compreender como as ações dos Governos Federal, Estadual e Municipal, instrumentalizam o território para viabilizar as ações dos agentes hegemônicos da economia e da política.

Nossas reflexões nos levaram a compreensão de que a empresa Nestlé, se valendo do denso meio técnico disponível no município de Araras, trouxe modernizações que o levaram a participar de forma ativa das transformações impostas pelo atual processo de globalização.

Grupo Nestlé – um dos maiores produtores de alimentos do mundo

O grupo Nestlé por seu poder multifuncional, sua ampla escala de operações, suas múltiplas localizações e poder de pressão política e econômica (CORRÊA, 1991) apresenta-se como importante agente do processo de territorialização e de gestão dos novos espaços produtivos mundiais.

Após a Segunda guerra mundial, o modo de desenvolvimento adotado pelos países ocidentais propiciou um ambiente econômico favorável ao desenvolvimento, industrialização e 'progresso' social, encontrando seu eixo no arranjo entre, de um lado um novo paradigma técnico-industrial (produção em escala), um novo regime de acumulação (intensiva) e de outro nas instituições e políticas econômicas do Estado Social (de Bem Estar Keynesiano) (KAHIL, 1997).

Às empresas cabia procurar locais favoráveis a implantação de unidades que possibilitassem a produção em escala e acumulação de capital, características estas, encontradas principalmente em países subdesenvolvidos.

A Nestlé mostrou-se pioneira na adoção desta estratégia, antecipando-se à tendência de transnacionalização, o que mais tarde seria comum a todas as empresas que viriam se instalar na América Latina (Brasil, México e Cuba) nas décadas de 20 e 30, onde encontrou mão-de-obra disponível e barata, além de extensas áreas agricultáveis.

Esse modo de desenvolvimento vai preponderar até as décadas de 50 e 60 na Europa e até a de 70 no Brasil, período marcado caracteristicamente pelo movimento de transnacionalização das grandes empresas.

Após 1970, as empresas transnacionais se servem dos territórios e da implantação, financiada pelo Estado, de sistemas de engenharia que seriam as bases territoriais que caracterizariam o período subsequente a que chamamos de período “técnico-científico-informacional”. “Neste novo período, os objetos técnicos tendem a ser ao mesmo tempo técnicos e informacionais, já que, graças à extrema intencionalidade de sua produção e de sua localização, eles já surgem como informação. Hoje, quando nos referimos às manifestações geográficas decorrentes dos novos progressos, não é mais do meio técnico que se trata. Estamos diante da produção de algo novo, a que chamamos de meio “técnico-científico-informacional” (SANTOS, 1996).

Na Europa (1970), como no Brasil (1980/1990), ocorre um aperfeiçoamento dos sistemas de transportes (rodovias, ferrovias, aeroportos, etc.) e de informação (computadores e telecomunicações), com uma conseqüente diminuição de seus custos, possibilitando às empresas maior flexibilização e controle das unidades produtivas e das redes de distribuição dos produtos. De um lado, postos de recepção, processamento e de distribuição permanecem instalados próximos às fontes produtoras de matéria-prima e aos grandes centros consumidores. De outro lado, as unidades de produção podem, agora, situar-se em locais mais distantes, havendo uma fragmentação do processo produtivo.

Seguindo essa nova ordem mundial do capitalismo, as empresas criam estratégias como especialização, diversificação, verticalização e conglomeração¹, para se tornarem mais

¹ **Especialização:** utilização da capacidade interna de acumulação do grupo com a concentração dos investimentos e da produção num número reduzido de bens ou serviços, que estão vinculados à mesma base tecnológica e capacidade mercadológica do grupo.

competitivas e ampliem seu poder de acumulação e domínio de recursos.

Desde o começo do século XX, a Nestlé suíça participa como empresa pioneira dos processos de transformação produtiva e transnacionalização que tendencialmente o modo de desenvolvimento do capitalismo foi impondo às empresas no mundo todo. As estratégias de aquisição, diversificação, verticalização e conglomeração, sempre utilizadas pela empresa objetivaram, através da atuação em diferentes áreas controladas pela Nestlé, garantir a acumulação e reprodução do capital e conseqüente controle do território.

Dispondo de importantes recursos humanos, tecnológicos e econômicos, o grupo Nestlé foi capaz, no decorrer deste século, de organizar formas distintas de produção econômica, instalando unidades de produção em todos os continentes.

Os sistemas de informação, dos quais se utiliza, é que permitem gerir em tempo real, cada operação nas diferentes unidades fabris. Hoje, a informatização é o novo modo dominante de organização do trabalho, graças ao seu papel na circulação física de mercadorias e na regulação dos circuitos produtivos e dos estoques. A revolução informática permitiu a mobilidade generalizada de homens, energia, usos dos produtos, no tempo e no espaço (SANTOS, 1996). A organização das ‘coisas’ passa a ser

Diversificação: aumento da variedade de produtos finais (novos bens ou serviços) ou ampliação do número de áreas básicas de atuação do grupo.

Verticalização: internalização da produção de bens ou serviços (produtos internalizados, serviços ao produtor, insumos) que eram anteriormente comprados no mercado (“para traz”); ou a internalização da produção de bens e serviços que, fazendo parte da cadeia produtiva de uma firma pertencente ao grupo, eram oferecidos no mercado por outras firmas (“para frente”).

Conglomerados: dispersão dos produtos internos de acumulação do grupo em um número significativo de áreas básicas, cuja conexão tecnológica e mercadológica entre si é inexistente ou tênue.

um dado fundamental, daí a adoção, de um lado, de objetos suscetíveis de participar da nova ordem, e, de outro lado, as regras de ação e de comportamento a que se subordinam todos os domínios da ação instrumental. Com isso a Nestlé mundial pôde expandir-se rapidamente tendo hoje 495 fábricas espalhadas pelo mundo vendendo cerca de US\$52 bilhões ao ano e contando com 225 mil trabalhadores assalariados (Nestlé, encarte promocional da Nestlé de 2000).

Grupo Nestlé no Brasil

A Nestlé iniciou seus negócios no Brasil na década de 20, implantando uma unidade produtiva no município de Araras-SP. Neste período era comum às empresas multinacionais instalarem subsidiárias em países subdesenvolvidos que ofereciam melhores condições para a reprodução de seu capital. Comum também, era as indústrias de bens não duráveis (alimentos e têxteis) instalarem-se no interior como complementares à metrópole, onde se produziam os bens duráveis.

No Estado de São Paulo, até a década de 60, as unidades produtivas da Nestlé, encontravam-se instaladas no interior. É apenas a partir de 1960, que a Nestlé instala-se na metrópole paulistana, provavelmente em função dos incentivos governamentais como o Plano de Metas (1954 - 1960) que direcionavam o desenvolvimento da indústria acelerando o processo da instalação de atividades econômicas na cidade de São Paulo (GOLDEINSTEIN e SEABRA, 1982).

Essa tendência de concentração industrial na metrópole vai se intensificar até a década seguinte (1970) quando, em função da exacerbada aglomeração urbano-industrial e a conseqüente deterioração das condições de vida, iniciam-se mudanças político-econômicas. A partir daí, e muito expressivamente na década de 1980, desencadeia-se um processo de desconcentração industrial no Estado do São Paulo.

O Governo do Estado² aparece como grande incentivador desta desconcentração por ser o responsável pela instalação de sistemas de transportes eficientes que ligavam a metrópole a diversos pontos do interior, possibilitando assim uma modernização no sistema produtivo industrial interiorano, que passou a produzir também bens duráveis.

Seguindo essa tendência, nas décadas de 70 e 80 a Nestlé instala outras duas unidades produtivas, novamente no interior. Na década de 80 e principalmente na de 90, ocorre uma flexibilização da localização industrial em função, também, de inovações tecnológicas e gerenciais que permitiriam que as empresas se instalassem distantes dos centros de decisão. Atualmente a proximidade física entre as várias unidades e entre estas e a administração pouco importa. As inovações nos sistemas de informação e a utilização, cada vez mais intensa dos computadores vão permitir à Nestlé exercer um controle remoto das suas unidades de produção, mantendo o centro de gestão na metrópole. Todas as decisões de investimentos, de produção, de circulação e distribuição são tomadas na metrópole paulista.

² “A presença do Estado nessa descentralização foi marcante. De um lado os efeitos de estímulo e de encadeamento técnico gerados pela instalação de duas grandes refinarias de petróleo, pela Petrobrás, em Paulínia e São José dos Campos; acrescenta-se ainda a consolidação do principal pólo petroquímico do País, em Cubatão, com a presença da Petrobrás e também pela expansão da COSIPA no setor siderúrgico. Essa presença foi também crescente em decorrência da política econômica do governo federal, instituindo o Próalcool em meados dos anos 70, gerando grandes efeitos de encadeamento com a indústria de bens de capital, que se consolidou próximo da maior concentração alcooleira de São Paulo - Regiões de Ribeirão Preto e Campinas”. Ainda lembramos da implantação dos ramos de informática, microeletrônica e de telecomunicações na Região de Campinas, basicamente por estatais federais e institutos de pesquisa e, também, pela influência da pesquisa da UNICAMP. Por último, formou no Vale do Paraíba complexo aeronáutico para fins civis e militares e industriais de material bélico” (NEGRI, apud PINTAUDI e CARLOS, 1995).

A possibilidade de multilocalização aparece, para a empresa, como uma estratégia de redução de custos e possibilidade de acumulação, uma vez que elas podem, a partir da metrópole paulista, organizar o processo de trabalho segmentado em unidades de produção espacialmente distribuídas. As empresas submetem-se a normas destinadas a regular o processo produtivo, a circulação dos resultados, o processo contábil e também a planificação e a previsão de todas as etapas.

Desta forma o grupo Nestlé vem re-definindo o território a partir das estratégias de ações e reorganização dos sistemas técnicos produtivos, segundo a nova ordem do capitalismo mundial. Os sistemas de objetos implantados a partir de suas ações vão no decorrer do tempo “redesenhando” o território nacional, poderíamos até arriscar dizer que estas transformações locais imprimem, complementarmente, transformações mundiais. A cada implantação de uma unidade produtiva, um posto de recepção ou uma filial de venda controlados pela Nestlé, redefina-se o espaço a partir dos interesses do grupo.

Outra estratégia de busca de competitividade adotada também pela Nestlé é o aperfeiçoamento das tecnologias de produção e investimento no setor de pesquisas para diversificação de produtos, sempre com o propósito de ampliar o mercado consumidor.

A Nestlé Brasil, hoje, movimenta 3 bilhões de dólares ao ano e conta com 15 mil trabalhadores “colaboradores”³, o que parece ser o resultado positivo das estratégias de modernização adotadas pela empresa.

³ Hoje, as empresas, estrategicamente, chamam seus assalariados de “colaboradores”, como estratégia de produtividade a partir da idéia de participação e integração a empresa.

Araras: um meio técnico favorável

Considerando que o lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica particular, busca-se aqui compreender o município de Araras - Estado de São Paulo - mediante as ações hegemônicas da empresa mundial Nestlé, em seu território.

A Nestlé instalou sua primeira unidade no Brasil em 1920, em Araras, ao adquirir a “Leiteria Nougès & Lacerda Ltda.” fundada em 1913. O interesse da empresa em se instalar no município se deu em função de um meio técnico favorável como o sistema ferroviário (existente desde 1876, partindo de Cordeirópolis, passando por Araras, Pirassununga, até Porto Ferreira), que facilitava a circulação das principais matérias-primas da empresa (leite e açúcar) além de aportes de ciência incorporados ao seu território como o “Laboratório Zurita”, que realizava pesquisas para a “Leiteria Nougès & Lacerda”.

Desde sua fundação (1871) o município já se apresentava como um lugar favoravelmente receptivo às transformações propostas pela modernidade. Diversos foram os sistemas técnicos que favoreceram a instalação e permanência da Nestlé naquele local: iluminação pública (1889), abastecimento de água (1895), metalúrgicas produtoras de ferro e bronze (1895), escola de trabalhadores rurais com aulas de botânica, adubação, zootecnia, enxertia, etc. (1902), oficinas fabricantes de veículos (1914 - 1920), produção de máquinas (1937), fabricação de motores elétricos (1944), existência de uma termoelétrica (1953), além do mais importante, a estrada de ferro que permitia a circulação de todos os produtos ali fabricados. Favorecendo ainda a vinda da empresa para o município, havia grande disponibilidade de trabalhadores imigrantes que no período 1890 -1900 chegaram a duplicar a população do município.

No período 1973 -1976, foram construídos importantes sistemas de transportes, como as rodovias Araras/Rio Claro e Araras/Conchal, e foi duplicada a Via Anhanguera. Nesse sentido, o município antecipou-se à tendência à fluidez, o que mais tarde

viria a ser notoriamente um importante fator de competitividade entre lugares. A fluidez (de produtos, dinheiro, mensagens, idéias) tornou Araras mais competitiva no cenário do Estado e até mesmo do país. O município, desde cedo, apresentou uma tendência a densificação de redes técnicas, suportes da competitividade e fluidez em seu território. Segundo Milton Santos (1996), a fluidez para ser eficaz precisa estar acompanhada de normas de ação, destinadas a provê-la de um funcionamento mais preciso e afirma ainda que ela se dá como um empreendimento conjunto dos setores público e privado.

Em Araras, no período 73 - 76, em função das políticas de desconcentração industrial no Estado de São Paulo, houve incentivos no sentido de ampliação e aperfeiçoamento dos sistemas de engenharia locais.

O município: população, condições de vida e infra-estrutura

Segundo a contagem da população realizada pelo IBGE em 1996, o município de Araras tem 95.997 habitantes, sendo 48.095 homens e 47.902 mulheres. A maioria da população vive em área urbana (89.344) enquanto apenas 6.653 habitam a área rural. Os estabelecimentos agropecuários ocupam cerca de 25.699 ha dos 610 km² do município, e o perímetro urbano estende-se por 302 km². Em termos de receita, o total de transferências correntes da união para o município em 1997 foi de 5.812.572 reais e do governo estadual 20.352.535 reais.

A população economicamente ativa corresponde a 38.886 habitantes (45% do total), e a não ativa a 47.779 (55% do total). Quanto ao tipo de emprego, a população encontra-se distribuída da seguinte maneira: 74 % no setor terciário, 7% no primário e 19% no secundário (Prefeitura Municipal de Araras 1998). Isso mostra que o município segue uma tendência mundial de ampliação da participação do setor terciário na economia em detrimento dos setores primário e secundário.

Em pesquisa realizada pelo IPEA, PNUD e IBGE em 1998, observou-se que no período 1970 - 1991, o índice municipal de

desenvolvimento humano (IDH) de Araras melhorou, passando de 0,560 em 1970 para 0,744 em 1980 e para 0,802 em 1991, mostrando assim um crescimento de 32,9 % entre 1970 e 1980 e de 7,8% entre 1980 -1991. O IDH do Estado de São Paulo é de 0.787 (Desenvolvimento Humano e Condições de Vida: Indicadores Brasileiros - IPEA, Fundação João Pinheiro, PNUD, IBGE, 1998). A mesma pesquisa fez levantamentos quanto ao índice de condições de vida (ICV), mostrando também um crescimento, de 0,660 em 1971 para 0,764 em 1980 e para 0,842 em 1991. O ICV para o Estado é de 0,806. Levantaram-se ainda as condições de habitação, abastecimento de água (100%), e disponibilidade de rede de esgoto (100%).

Dados atuais da prefeitura mostram que o município dispõe ainda de 100% de iluminação residencial, 97% de iluminação pública e 95% do município pavimentado, apontando as facilidades de circulação interna graças o bons sistemas de transportes. Conta também com dois hospitais e doze agencias bancárias, mostrando-se técnica e informacionalmente denso, uma vez que dispõe de inúmeros objetos de engenharia e comunica-se rapidamente com seu entorno e com o mundo. Em 1998, a prefeitura teve despesas de 13.434 mil reais em planejamento, 2.871 mil em saúde e saneamento, 7.009 em assistência e previdência, 5.536 com habitação e urbanismo e 1.582 com transportes.

Araras é, segundo os levantamentos da pesquisa sobre indicadores brasileiros, considerada um lugar de alto nível de desenvolvimento, oferecendo boas condições de vida a seus moradores e mostrando-se atraente para diversas empresas.

O lugar e suas normas

Na escala de ação política, o município dispõe do chamado “Programa de Desenvolvimento Econômico Integrado de Araras” (PRÓDEIA), instaurado em 1987, que tem como objetivo a implantação de distritos industriais, centros comerciais, de prestação de serviços, silos e centros de armazenamento, gerenciando a formação dos condomínios empresariais com a

finalidade de urbanização de distritos industriais, concedendo para tanto incentivos fiscais e prestação de serviços.

É importante lembrar que neste período o Estado aplicava políticas de desconcentração industrial através de Programas de ação, que implicavam em estímulos e incentivos ao desenvolvimento dos municípios interioranos. Estes, por sua vez reagem com políticas que visavam facilitar a instalação das unidades produtivas de empresas em expansão. Produz-se então este “espaço racionalizado”, com objetos técnicos dispostos de forma organizada com o objetivo de atender aos interesses dos agentes hegemônicos.

Segundo Elisa de Almeida (2000), “simultaneamente as políticas federais, os governos estaduais e municipais realizaram investimentos na recuperação da malha viária, concederam isenções de impostos, doaram ou concederam terrenos a preços subsidiados e executaram obras de infra-estrutura (saneamento básico, asfalto das vias, etc.), além de construírem Distritos Industriais, estimulando a migração de empresas.”

Essas leis, que normatizam as ações do programa, atraem dezenas de indústrias para o Município, que já tem em funcionamento três distritos industriais e um quarto em fase de implantação. Os sistemas de transportes e a infra-estrutura de fácil acesso, por estarem ao longo da Via Anhanguera são de suma importância para que o lugar Araras possa se desenvolver.

Segundo a Prefeitura Municipal de Araras, a pioneira empresa Nestlé do município mostra-se muitas vezes como fator de atração de novas empresas para o local, principalmente as produtoras de materiais plásticos que servem para embalar seus produtos.

Observa-se que a implantação da empresa Nestlé no município de Araras, deu-se em função deste já apresentar um meio técnico favorável a sua instalação. Situando-se ali, a empresa passou a ser também um fator de atração de sistemas modernizadores para aquele lugar, dando possibilidades para sua expansão. O fato de o município corresponder bem às expectativas

da empresa e alcançar bons níveis de desenvolvimento fizeram com que ela se mantivesse ali. Essa relação de troca de benefícios é fundamental e constante para ambos.

Milton Santos (2000) já nos mostra que a dinâmica dos espaços da globalização supõe uma adaptação permanente das normas e formas. As formas geográficas, isto é, os objetos técnicos requeridos para otimizar uma produção, somente autorizam essa otimização ao preço do estabelecimento e da instalação de normas jurídicas, financeiras e técnicas, adaptadas às necessidades do mercado. Essas normas são criadas em diferentes níveis geográficos e políticos mas, em vista da competitividade mundial, as normas globais, induzidas por organismos supranacionais e pelo mercado, tendem a configurar as demais. E as normas do mercado tendem a configurar as normas públicas.

Araras, local privilegiado das ações hegemônicas, apresenta-se como um lugar moderno e aberto à recepção de novos sistemas técnicos. No lugar, agentes hegemônicos munidos de informação adequada, servem-se de todas as redes e de todos os territórios a seu favor.

A dinâmica territorial do Grupo Nestlé no Estado de São Paulo

No total das vinte e duas fábricas Nestlé do Brasil, nove delas localizam-se em oito municípios do Estado de São Paulo: Araras, Araraquara, Caçapava, Porto Ferreira, Marília, São José do Rio Pardo e São Paulo capital.

A Nestlé exerce um controle quase absoluto da produção de leite no Estado de São Paulo. Organizando o processo produtivo do leite, em todo o interior paulista, tanto nas regiões urbano - industriais do Vale do Paraíba e do eixo Campinas - Ribeirão Preto, como no Planalto Ocidental, a Nestlé acaba estendendo seu controle a regiões limítrofes do Estado de São Paulo, como o sul e o triângulo Mineiro, o leste mato-grossense do sul e o sul goiano.

Das fazendas pertencentes à empresa, o leite flui para pequenos e médios centros urbanos onde, nas usinas de

pasteurização, também controlados pela empresa, recebe um primeiro processamento. Os centros de Birigüi, Cardoso, Fernandópolis, Ibitinga, José Bonifácio, Morro Agudo, Tanabí e Votuporanga são alguns dos centros processadores da Nestlé (CORRÊA, 1996).

A Nestlé Araras produz, segundo dados da própria empresa, cerca de 160 itens. Para fabricá-los, utiliza-se de cerca de 100 matérias-primas. À unidade Araras, cabe ainda a produção de tampas e fundos das latas utilizadas pela empresa. Para tanto, a empresa utiliza-se dos sistemas de informação para gerir a produção das folhas de flandres na Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) em Volta Redonda. A lenha que alimenta a caldeira da empresa é produzida em Mato Grosso do Sul e no sul de Minas Gerais onde a Nestlé é proprietária de três fazendas produtoras de madeira da qual se utiliza da lenha.

Considerações finais

Dispondo de importantes recursos humanos, tecnológicos e econômicos, o grupo Nestlé mostrou-se capaz, no decorrer deste século, de organizar formas distintas de produção econômica, instalando-se em diversos lugares do mundo. Os sistemas de informação dos quais dispõe permitem a gestão em tempo real de cada operação nas diferentes unidades fabris. A informatização, hoje, é o novo modo dominante de organização do trabalho, graças ao seu papel na circulação física de mercadorias e na regulação dos circuitos produtivos e dos estoques. A organização das 'coisas' passa a ser um dado fundamental, por isso então, na luta entre lugares, o importante hoje é a adoção e criação de objetos técnicos e ações eficazes capazes de tornar o lugar suscetível a participar da nova ordem capitalista mundial. Na década de 80 e principalmente na de 90, ocorre uma flexibilização da localização industrial em função, também, de inovações tecnológicas e gerenciais que permitem que as empresas se instalem distantes do centro de decisões. Atualmente, a proximidade física entre as unidades e entre estas e a administração pouco importa.

As inovações dos sistemas de informação, principalmente de computadores, vão permitir a Nestlé exercer um controle remoto das suas unidades de produção, mantendo o centro de gestão na metrópole paulista. Assim, o grupo Nestlé redefine o território a partir de estratégias de ações e reorganização dos sistemas técnicos-productivos, segundo a nova ordem mundial do capitalismo.

Através da adoção dessas estratégias de modernização, multilocalização, aquisição, diversificação da produção, a empresa Nestlé expande seu território, estimula e utiliza os sistemas técnicos-científicos-informacionais do meio geográfico brasileiro, possibilitando que esses lugares participem do processo de modernização atual, lugares mesmo onde o processo de globalização se territorializa.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, E.P. de. **A metropolização - periferização brasileira no período técnico-científico-informacional**. (Dissertação de mestrado), FFLCH, depto. de geografia, USP, 2000.

BENKO, G. e LIPETZ, A. **As Regiões Ganhadoras. Distritos e Redes: os novos paradigmas da geografia econômica**. Tradução do francês de Antônio Gonçalves, Portugal: Celta Editora, 1994.

BRAUDEL, F. **A Dinâmica do Capitalismo**. 3.ed., Lisboa: Teorema, 1989.

CORRÊA, R.L. "Os centros de gestão do território: uma nota". In: **Revista Território** 1 (1), 1996.

CORRÊA, R.L. "Corporação e organização espacial: um estudo de caso". In: **Revista Brasileira de Geografia** n° 53(3), 1991.

GOLDEINSTEIN, L. e SEABRA, M. "Divisão territorial do trabalho e nova regionalização." In: **Revista do Departamento de Geografia**, n° 1, USP, 1982, SP.

KAHIL, S. P. **Unidade e diversidade no mundo contemporâneo. Holambra: A existência do mundo no lugar.** Tese (doutorado), USP, 1997.

LENCIONE, S. “A mudança no discurso desenvolvimentista face à crise da economia. A falência das políticas de desenvolvimento regional.” In: **Revista do departamento de Geografia**, USP, n° 6, 1992, SP.

LIPIETZ, A e LEBORGNE, D. “O Pós-fordismo e seu espaço”. In: **Espaço & Debates**, São Paulo: Neru, Ano VIII, 1988b, n° 25.

NESTLÉ. “Encarte Promocional – Araras, 2000”.

NESTLÉ. “Encarte Promocional – Nestlé, 2000”.

PINTAUDI, S.M. E CARLOS, A.F.A. “Espaço e Indústria no Estado de São Paulo”. In: **Revista Brasileira de Geografia**, 57(1) 5 - 23, janeiro - março, 1995.

PIRES DO RIO, G.A. “Estrutura organizacional e reestruturação Produtiva: uma contribuição para a geografia das corporações”. In: **Revista território**, ano III, n° 5, Julho- dezembro, 1998.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, T. **Revolução Científico-técnica e capitalismo contemporâneo.** Tradução de Hugo Boff, Petrópolis: Editora Vozes, RJ, 1983.

SILVA, AUGUSTO C.P. da. “Gestão e Território: o caso da empresa Fleischmann & Royal no noroeste fluminense”. In: **Revista Território**, ano II, n° 3, Julho-Dezembro, 1997 - UFRJ.

TOLEDO, M.R. & KAHIL, S.P. A Constituição de ... Geosul, v.19, n.38, 2004

TOLEDO, MARCIO R. A Constituição de Novas Regiões por Empresas Multilocalizadas: O Caso da Nestlé/ Araras - Estado de São Paulo. (Trabalho de Graduação Individual), Deplan, IGCE, Rio Claro, 2000.

Recebido em novembro de 2003

Aceito em julho de 2004